

Produção USP

Esta seção dos Cadernos de Ética e Filosofia Política destina-se à divulgação e ao auxílio à pesquisa em filosofia. Neste número, reunimos dissertações e teses defendidas no primeiro semestre de 2008, cujos temas tratados relacionam-se à área de Ética e Filosofia Política. Como referência bibliográfica, a listagem seguinte serve tanto para mostrar o variado campo de investigação e interesse dos pesquisadores em Ética e Filosofia Política quanto para levar até seus leitores o trabalho dos pós-graduandos do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Uma relação sempre atual: a liberdade recalitrante de Michel Foucault

(Doutorado)

Andrés Alfredo Rodríguez Ibarra

São Paulo, 2007, 209 p.

Orientador: Milton Meira do Nascimento

Data da defesa: 09/05/2008

A presente tese parte da afirmação reiterada e desconcertante desse filósofo francês de que ele não seria, de modo algum, um “teórico do poder”, para mostrar que, para além das discussões em torno de se o primeiro Foucault (da arqueologia dos saberes), o segundo (da genealogia do poder), ou o terceiro (da ética e das condutas individuais), seria o mais importante, o “melhor”, é possível falar numa unidade no que diz respeito à trajetória do seu pensamento e que essa unidade se dá em

torno das relações políticas entre os homens, o que faz com que ele seja, eminentemente, um pensador da política, ou melhor, do político. Só que a política tal qual ele a entende não tem nada a ver com a aquela dos teóricos da política ou do poder e, sim, com a relação que ele passou a perseguir em um determinado momento dessa trajetória: a relação entre governantes e governados. Essa relação, cuja percepção se tornou possível por meio do conceito de governamentalidade, gestado no ano de 1978, constitui-se numa nova “grade de leitura” para a política, que permite: 1) dar um basta à idéia de que haja, nesse âmbito, modelos universais que possam dar respostas a todos os tipos de questões-modelos esses que legitimam a existência de “intelectuais universais”, incumbidos de conceber esses modelos e apresentá-los aos “explorados” e “ignorantes”, prometendo-lhes a sua libertação, bem como da “vida política” nas atuais democracias representativas-; 2) conceber uma noção de liberdade—enquanto uma relação entre governantes e governados que não possui limites a priori—que escapa à da tradição liberal que, gestada nos séculos XVII-XVIII, se tornou hegemônica no Ocidente a partir do século XIX, não só no plano discursivo, mas enquanto realidade sócio-econômica global. Onde quer que existam essas relações-e elas sempre existirão, para Foucault, do micro ao macro—é necessário que seja possível, sempre, pô-las sob questão; o que só acontece quando o pensamento é deixado solto para ser capaz de levantar o maior número de conflitos possível-e não de consensos-; para, crítico, apontar o maior número de problemas a serem resolvidos dentro do âmbito dessas. Algumas dessas relações irão, então, se sustentar, conseguir se justificar; outras, não, terão que ser revistas, num interminável trabalho de extensão dos limites da liberdade humana. Essa nova noção de liberdade, por sua vez, traz consigo a possibilidade de interrogação do fenômeno da subjetividade, na medida em que são sujeitos, sempre, os que participam dessas relações entre governantes e governados. Por isso, o presente trabalho se esforça em mostrar percursos intelectuais que, tendo sido percebidos e diretamente abordados por Foucault (caso de Kant e de Platão) ou não (segunda clínica lacaniana e perspectivismo ameríndio), mantêm, na ênfase que dão ao sujeito, uma visada em comum com a empreitada foucaultiana.

This thesis initiates itself by the reiterated and astonishing declaration by this French philosopher that he would not be, under any circumstance, a “power theoretician”, in order to show that, beyond the debates on whether it would be the first Foucault (the archeology of knowledge one), the second (genealogy of power one), or the third (the ethics and the individual conduct one), the most important one, the “best”, it is possible to talk about a unity in what concerns the trajectory of his thought and that such unity concerns the political relations between men, which results in that he is, eminently, a thinker of politics, or rather, of the political. Except that politics as he understands it has nothing to do with that of the theorists of politics or of power but with a relationship that he began to pursue somewhere along such a trajectory: the relationship that exists between the governing and the governed. Such a relationship, whose perception became possible by means of the concept of governmentality, conceived in the year of 1978, constitutes itself as a “grid of understanding” for politics, which allows to: 1) declare that we’ve had enough of the idea that there shall exist, in such domain, universal models that may answer all kinds of questions—models which legitimate the existence of “universal intellectuals”, held responsible for conceiving such models and for presenting them to the “exploited” and “ignorant”, promising their liberation, as well as of “political life” in current representative democracies-; 2) to conceive a notion of liberty—as a relationship between the governing and the governed which has no a priori limits—that escapes from the liberal tradition one which, created along the XVII/XVIIIth century, became hegemonic in the West since the XIXth century, not only on the discursive level, but as socio-economic global reality. Wherever such relations exist—and they will always do, for Foucault, from micro to macro—it is necessary that it be possible, always, to put them open to question; that which only occurs when thought is left free to be able to raise the highest number possible of conflicts—and not consensuses-, in order to, critic as it is, point out the highest number of problems to be solved in such domain. Some of those relationships will be able, then, to sustain themselves, to justify themselves; others, won’t, they will have to be modified, in an interminable labor of

extending the limits of human liberty. This new notion of liberty, by its turn, carries along with itself the possibility of the inquiry of the phenomenon of subjectivity, as it is that it is always subjects that participate in such relations between the governing and the governed. For this reason, this thesis makes an effort to present intellectual paths which, having been noticed and approached by Foucault (the case of Kant and Plato) or not (second Lacanian clinic and Amerindian perspectivism), maintain, in the emphasis they give to the subject, a common viewpoint with the Foucauldian enterprise.

Aristófanis e Platão: deformadores da democracia Antiga

(Mestrado)

Cristina de Souza Agostini

São Paulo, 2008, 247 p.

Orientador: Luiz Henrique Lopes dos Santos

Data da defesa: 10/06/2008

Os diálogos de Platão ainda são exemplos de como a filosofia, mais que um método de investigação ou busca por conhecimento, deve ser compreendida tal qual um modo de vida. O filosofar, nestes textos, ajuda-nos a entender como, no mundo clássico, as esferas estão conectadas, ao mostrar de que maneira a política, a metafísica e a epistemologia são interdependentes. Assim, porque tem como ponto de partida a metafísica, que é tela para a pintura da cidade ideal, em que ao filósofo cabe a chefia, todos os outros regimes que não sejam a monarquia ou a aristocracia filosóficas são compreendidos como formas degeneradas de governo. Dentre os regimes analisados pelo filósofo, destaca-se a democracia: o modo político, por excelência, grego, é descrito como o degrau anterior à tirania, ou seja, como a ante-sala para o bárbaro governo. Em outro âmbito, a saber, no da comédia, encontramos Aristófanis; dentre outras coisas, o grande crítico do demagogo Cléon e dos desvios da democracia de seu tempo. Se Platão é dependente de uma metafísica para combater a democracia, o comediógrafo, ao contrário, não tem

como fundamento algo semelhante, mas lança mão de suas peças para educar os espectadores que são os responsáveis pela decisão tomada, democraticamente, acerca do vencedor dos festivais que encerravam, dentre outras disputas, aquela concernente aos autores cômicos. Deste modo, a intenção do trabalho é procurar entender como a filosofia platônica e a comédia aristofânica, apesar da crítica comum que desenvolvem às instituições democráticas gregas, apresentam soluções para o problema, alicerçadas em fundamentos radicalmente diferentes: a metafísica, no caso de Platão e o vislumbre da reestruturação do regime democrático, possibilitado com a reeducação da pólis, em Aristófanis. Para a articulação dessas concepções, necessário foi levar em consideração as diferenças próprias aos gêneros dos discursos e ao papel que comediógrafo e filósofo desempenhavam junto à pólis.

Les dialogues de Platon exemplifient que la philosophie, plus qu'une méthode d'investigation ou une recherche de la connaissance, doit être comprise comme un moyen de vie. Le philosophe dans ces textes, nous aide à comprendre comme, dans le monde classique, les sphères sont liés quand on montre la manière selon laquelle la politique, la métaphysique et l'épistémologie sont interdépendentes. Ainsi, parce que le philosophe a comme point de départ la métaphysique, qui est la toile de la peinture de la cité idéale dont le philosophe est le chef, tous les autres régimes que non la monarchie ou l'aristocratie philosophiques sont vues comme formes dépravées de gouvernement. Entre les régimes analysés par le penseur, la démocratie est remarquable: le type politique, par excellence, grec, est décrit comme le marche antérieur à la tyrannie, c'est-à-dire- l'ante-salon du gouvernement barbare. Dans l'espace de la comédie, nous rencontrons Aristophane, le critique du demagogue Cléon et des problèmes de la démocratie de son temps. Si Platon est dépendent d'une métaphysique pour combattre la démocratie, le comédiographe, au contraire, n'a pas comme fondement quelque chose pareille, mais il se sert de ses pièces pour éduquer les spectateurs qui sont les responsables pour la décision pensée, démocratiquement, par rapport au vainqueur des festivals dans lesquels il y avait les disputes des auteurs comiques. Alors, le but du travail présent est d'essayer comprendre

comme la philosophie platonique et la comédie aristophanique, en dépit de la critique commune sur les institutions démocratiques grecques, présentent des résolutions au problème démocratique fondées sur bases radicalement différentes: la métaphysique, au cas de Platon, et la possibilité de réformer le régime démocratique grâce à la rééducation de la polis, en Aristophane. Pour conduire ces conceptualisations, il a fallu faire attention aux différences entre les genres des discours et au rôle du comédien et du philosophe dans la polis.

A função da religião civil e sua relevância na teoria política do *Contrato Social* de Jean-Jacques Rousseau

(Mestrado)

Elaine Camunha

São Paulo, 2008, 82 p.

Orientador: Rolf Nelson Kuntz

Data da defesa: 17/04/2008

O objetivo deste trabalho é mostrar, como indica o título, a função da religião civil e sua relevância na teoria política do Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau. Para dar conta de nossa proposta, reconstruímos o cenário teórico do Contrato, apontamos o lugar que a religião aí ocupa e mostramos que ela é peça essencial para a realização dos objetivos de uma sociedade bem constituída, segundo os padrões rousseauianos. Historicamente, segundo Rousseau, a religião sempre foi uma peça importante da política e um componente fundamental daquelas sociedades caracterizadas pela estreita coesão dos cidadãos e pelo vigor do espírito público. A manutenção do Estado ideal que Rousseau constrói depende da existência de uma religião, mas esta deve ser puramente civil. Seus dogmas devem ser simples e destinados a fomentar as virtudes necessárias à cidadania, isto é, à concretização de uma liberdade fundada na supremacia da vontade geral e na irrestrita dedicação à pátria.

This work aims, as we can tell by its title, at showing the function of civil religion, as well as its relevance, in the political theory of Jean-Jacques Rousseau's Social Contract. To fulfill our purpose, we reconstruct the theoretical scenery of the Contract, with the objective of pointing out the place which is there attributed to religion, as well as showing it is essential for the fulfillment of the objectives of a well built society, according to Rousseauian standards. Historically, according to Rousseau, religion has always been an important part of politics, and a fundamental component of the societies marked by a strict cohesion of the citizens and by the vigor of the public spirit. The maintenance of the ideal State built by Rousseau depends on the existence of a religion, but this must be purely civil. Its dogmas must be simple and meant to foment the virtues which are necessary to citizenship, i. e., the concretizing of a freedom which is founded in the supremacy of the general will and in the unbounded dedication to one's country.

O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus

(Doutorado)

Emanuel Ricardo Germano Nunes

São Paulo, 2007, 498 p.

Orientador: Franklin Leopoldo e Silva

Data da defesa: 13/03/2008

Albert Camus ousou pensar os limites da razão e da ação humana na história em um momento de hegemonia das esperanças de um racionalismo totalizante. Em múltiplos campos da expressão, Camus arquitetou uma desmontagem do finalismo histórico e das concepções estéticas da existência. Sua filosofia é um paradigma alternativo para a racionalidade e para o engajamento ético-político, buscando um tênue equilíbrio entre às exigências da história, o compromisso com a vida singular e a restauração dos laços constitutivos entre os homens e o mundo.

Política e linguagem em Rousseau

(Doutorado)

Evaldo Becker

São Paulo, 2008, 268 p.

Orientador: Milton Meira do Nascimento

Data da defesa: 05/06/2008

O objetivo geral da presente tese, é demonstrar que o tema linguagem, em seus mais variados vieses, é fundamental para que se possa compreender a concepção política de Rousseau. Para tanto é fundamental que se aborde o tema em questão sob diversas perspectivas. Em primeiro lugar faz-se o necessário recuo à tradição retórico-moral, para verificar a dívida de Rousseau para com autores como: Platão, Plutarco e Quintiliano, que ajudaram a formar seu arcabouço teórico. Em segundo lugar, apresenta-se o debate acerca da origem e da função da linguagem e suas vinculações com os temas da política, instaurado entre o autor e alguns de seus contemporâneos, tais como, Condillac e Diderot. E, por fim, trata-se de cotejar os vários textos de Rousseau acerca das vinculações percebidas entre a linguagem original, linguagem musical, linguagem teatral, línguas particulares e discurso e mostrar como estas interferem, para o bem ou para o mal, nos rumos das instituições políticas estabelecidas pelos homens no decorrer de seu processo histórico de desenvolvimento. Os principais textos de Rousseau aqui analisados são: o Discurso sobre a Desigualdade, o Ensaio sobre a origem das línguas e o Contrato Social.

The general objective of this thesis is showing that the language issue, in its various points of view, is fundamental for the comprehension of Rousseaus political concepts. Thus, it is crucial to approach the subject in different perspectives. In first place, it is necessary to make a retreat to moral rhetorical tradition, to verify Rousseaus debt with authors like: Plato, Plutarch and Quintilian, who helped him to form his theoretical framework. In second place, we must introduce the debate

about the language origin and function, and also its linkages with political themes, established between the author and some of his contemporaries, such as Condillac and Diderot. Finally, we examine thoroughly the various texts of Rousseau about the linkages noticed among original language, musical language, theatrical language, particular languages and discourse, and show how the referred languages interfere in the directions of political institutions established by mankind in the course of its history. The main texts of Rousseau to be analyzed are: Discourse on the origin and basis of inequality among men, Essay on the origin of language and Of the social contract.

O pensamento político monarcômaco: da limitação do poder real ao contratualismo

(Doutorado)

Frank Viana Carvalho

São Paulo, 2008, 246 p.

Orientador: Milton Meira do Nascimento

Data da defesa: 14/03/2008

No amplo contexto social, político e religioso da França quinhentista, as “Guerras de Religião”, sobretudo a Saint-Barthélemy, motivarão a produção de textos revolucionários pelos huguenotes. Surgem ali os grandes escritos monarcômacos franceses. Dentre todos estes, três se destacam justamente porque conseguirão transcender as questões político-religiosas e realizar uma abordagem sistematizada de temas mais universais da manifestação política do poder. Dessa forma, conseguirão superar em muito o âmbito da controvérsia então desenvolvida e lançar uma renovada visão em aspectos estruturais do regime de governo, sendo até chamados de ‘triumvirato monarcômaco’ por um dos especialistas no assunto. São eles a Franco-Gallia, da autoria de François Hotman, Du Droit des Magistrats, de Théodore de Bèze, e as Vindiciae

Albert Camus dared to investigate the limits of human reason and action throughout history in a moment of hegemony of hopes of a totalizing rationalism. In multiple fields of expression, Camus engendered the dismantling of historical finalism and aesthetical conceptions regarding the human existence. His philosophy is an alternative paradigm for rationality and for the ethical-political engagement, aiming at a fragile balance between the requests of history, the commitment to the singular life and the reestablishment of the constitutive bounds between men and the world.

Subjetividade & dominação: a crítica de Max Stirner à alienação como elemento constitutivo da subjetividade moderna

(Mestrado)

Erinson Cardoso Otenio

São Paulo, 2008, 154 p.

Orientador: Ricardo Ribeiro Terra

Data da defesa: 29/02/2008

Este trabalho tem por propósito analisar os textos de Max Stirner - em particular a primeira parte de seu livro intitulado *O Único e a sua Propriedade* -, assumindo a perspectiva de que neles é elaborado um diagnóstico de como a subjetividade moderna, no processo de sua constituição, forma-se comprometida com a dominação. Para isso, é preciso refazer com o filósofo o caminho dialético do eu, da Antiguidade até a sua manifestação moderna, identificando nesse percurso as razões que o fizeram alienar-se de si, sem se esquecer do papel da arte e da religião na criação, no rejuvenescimento e na manutenção da alienação. Além disso, encontrará também tratamento neste trabalho a forma de racionalidade, de moral e de educação modernas, elementos importantes da subjetividade, uma vez que esses elementos perfazem com ela um todo sistemático onde o que só encontra espaço são as exigências do “espírito”, e isso em detrimento do que quer que seja da ordem da

individualidade. Portanto, para uma abordagem apropriada desse tema, requer-se a compreensão do processo de formação da Modernidade e da sua subjetividade correlata, identificando a maneira pela qual, nesse processo, a dominação inscreve-se de forma imanente no eu. Isso significa dizer que, na interpretação que aqui se oferece da filosofia stirneriana, o processo de formação da subjetividade moderna e a dominação não são fenômenos independentes, mas sim resultantes de um e mesmo processo de engendramento da Modernidade.

This paper intends to examine the texts of Max Stirner - specially those related to the first part of his major work, *The Ego and its Own* - by assuming the perspective that through these texts, the author articulates a diagnosis of how the modern subjectivity, in the process of its constitution, forms itself compromised with domination. For this, we will need to remake with the philosopher the dialectical path of the self, from Antiquity to its modern manifestation, identifying in this way the reasons that made this ego to alienate from itself - without obliterating the role of art and religion in the creation, rejuvenation and maintenance of this alienation. Moreover, it will also be found in this paper a discussion about the forms of modern rationality, moral and education - important elements of the subjectivity, that compose with it a systematic whole where nothing but the claims of the “spirit” find place, in despite of everything that originates from individuality. Therefore, for an appropriate approach of these questions, one must comprehend the constitution of Modernity and its correlated subjectivity, identifying the way by which, within this process, domination engraves itself immanently in the self. In other words, this means that in the interpretation we are offering of Stirner’s philosophy, the process of constitution of modern subjectivity and the domination are not independent phenomena, but rather are both resultants of one and the same process of engendering of Modernity.

contra Tyrannos, de Philippe Du Plessis-Mornay. Eles abordarão de maneira significativa os temas da limitação dos poderes reais, o direito de resistência à tirania e a teoria contratual nas relações entre governantes e súditos. As numerosas edições e publicações destes trabalhos e os comentários de influentes pesquisadores transmitem o valor destas obras. Dessa forma, torna-se um imprescindível desafio ampliar os estudos desses livros e realizar uma análise do seu conteúdo para se ter uma clara noção do desenvolvimento do pensamento político monarcômico.

In the broad context social, political and religious of the renaissancist century (XVI) in France, the “Wars of Religion,” especially the Saint-Bart-hélemy, motivated the production of texts by the revolutionary Hugue-nots. There arose the great writings French “monarcomachs”. Among all these, three stand out precisely because they will achieve the issues transcend political and religious and conduct a systematic approach to more universal themes of the demonstration of political power. Thus, succeed in overcoming the very scope of the controversy developed and then launch a renewed vision in structural aspects of the system of government, and even called “monarcomach triumvirs” by one of the experts on the subject. They are the Franco-Gallia, by Francois Hotman, Du Droit des Magistrats, by Théodore de Bèze, and the Vindiciae contra Tyrannos, by Philippe Du Plessis-Mornay. They address in a meaningful way the issues limitation of real powers, the right of resistance against tyranny and the theory of contract in relations between rulers and subjects. The numerous editions and publications of these works and the comments of influential researchers transmit the value of these books. Thus, it becomes a crucial challenge expand the studies of these books and do an analysis of their content to have a clear concept of the development of political monarchomach thought.

A liberdade individual para Benjamin Constant

(Mestrado)

Gabriela Doll Ghelere

São Paulo, 2008, 86 p.

Orientador: Renato Janine Ribeiro

Data da defesa: 23/06/2008

Aqui investigamos o conceito de liberdade individual na teoria de Benjamin Constant. Partimos da conferência intitulada De la Liberté des Anciens comparée à celle des Modernes, e verificamos que o contraste entre a liberdade individual dos modernos e a liberdade política dos antigos não exclui completamente da vida dos modernos a necessidade de participação política. Assim, recorreremos, no segundo capítulo, a outros textos de Benjamin Constant, sobretudo aos Principes de Politique, para examinar os pressupostos da sua teoria política: o problema da soberania do povo, a construção da noção de representatividade política e a dupla autoridade da natureza e da história que fundamentam respectivamente as noções de liberdade e igualdade. No terceiro capítulo buscamos os desdobramentos do conceito de liberdade moderna, isto é, o que caracteriza o liberalismo de Constant e o diagnóstico que ele aponta sobre o indivíduo moderno. Por conseguinte, sustentamos que a peculiaridade do liberalismo de Constant é articular a liberdade civil do indivíduo e a liberdade política de participação. Mas, no grande romance seu que é Adolfo, Constant relaciona indivíduo e sociedade de uma maneira que tanto recorda sua defesa da liberdade dos modernos quanto mostra os limites desta. Nossa conclusão é portanto uma pergunta, que sustentamos estar presente no próprio Constant: qual o valor, quais as perspectivas dessa liberdade moderna?

Here we inquire the concept of individual liberty in Benjamin Constants theory. We started with the conference entitled De la Liberté des Anciens comparée à celle des Modernes, and verified that the contrast between individual liberty for the moderns and political liberty for the ancients doesnt prevent the moderns from having the necessity of political participation. Therefore, in the second chapter, other texts by

Benjamin Constant are studied, mainly *Principes de Politique*, in order to scrutinize the background of his theory: the issue of the peoples sovereign, the creation of the idea of political representativeness, and the double authority of the nature and the history that are base for the concepts of liberty and equality, respectively. In the third chapter we analyze the implications of the concept of modern liberty, that is, what characterizes Constants liberalism and how he diagnosis the modern individual. By doing so, we affirm that what is peculiar about Constants liberalism is how he connects the civil liberty of the individual to the political liberty of participation. However, in his great novel *Adolfo*, Constant links individual and society in such a way that it recalls his defense of liberty in the moderns but also shows the limits of that. Our conclusion is, therefore, a question, that we affirm to be present in Constant: what value, what perspectives of this modern liberty?

Juízo moral, história e revolução em Kant e Fichte

(Doutorado)

João Geraldo Martins da Cunha

São Paulo, 2007, 248 p.

Orientador: José Arthur Giannotti

Data da defesa: 04/04/2008

Como julgar um evento político? Com o advento da Revolução Francesa duas perspectivas se abriram aos intelectuais alemães diante dessa pergunta: uma em nome da prudência, fundada na história empírica; outra em nome da liberdade, fundada na moral. Na primeira perspectiva, A. W. Rehberg, inspirado em E. Burke, acusou os revolucionários de aplicarem uma “teoria pura” à prática política e, por isso mesmo, confundirem a vontade de todos, conceito empírico, com a vontade geral, conceito teórico e puro. Na segunda perspectiva, dois filósofos se opuseram, Kant e Fichte, assumindo como pressuposto comum que a política deve ser julgada à luz do sentido moral da história. Para tanto, partiram de uma ligação estreita entre vontade e razão a partir da qual os

conceitos de liberdade e finalidade deveriam ser pensados juntos numa espécie de escatologia moral. Mas, ao transporem a política da *Historie* para a *Weltgeschichte*, do plano dos eventos empíricos para o plano do sentido necessário da história, uma segunda questão se põe: a política deve ser corrigida em nome da moral por meio de reforma ou por meio de revolução? Embora Kant tenha visto a Revolução Francesa como signo histórico do progresso moral da humanidade, isto não o impediu de condená-la juridicamente em nome do princípio da publicidade – que, segundo ele, toda revolução contra o poder constituído acaba por violar. Fichte, por outro lado, ora defende o direito de revolução dos indivíduos contra o estado despótico, ora defende certo despotismo estatal, no que diz respeito ao funcionamento da economia, tolhendo o arbítrio individual dos cidadãos. Posições contraditórias e ao sabor das circunstâncias? Não creio. Sustento que a diferença entre estes dois juízos políticos de Fichte não impede que eles mantenham certa identidade de base. Mas se é sempre em nome da liberdade que a política deve ser julgada, certamente não é a liberdade dos indivíduos que conta do ponto de vista da razão, e sim a libertação da espécie – porquanto cada indivíduo só pode assumir sua identidade no confronto e reconhecimento recíproco com os outros. Ao pretender erigir um “sistema da liberdade”, fundar a razão numa atividade livre de autodeterminação, a Doutrina-daciência abriu caminho para que a liberdade moral se transformasse em libertação social e para que o “reino dos fins” chegasse à Terra – mediante uma “escatologia da imanência” que operou uma reforma da revolução.

How can one judge a political event? The French Revolution opened up two perspectives for the German intellectuals of the period to answer such question: one under the token of prudence, grounded on empirical history; the other brandishing the flag of liberty, grounded on morals. From the former, A. W. Rehberg, inspired by E. Burke, charged the revolutionaries of applying a “pure theory” to political practice, and, due to the same reason, of confusing the will of all, an empirical concept, with the general will, a pure and theoretical concept. From the latter perspective, Kant and Fichte, mutually opposed, assumed as a common premise

that politics ought to be judged under the light of the moral meaning of history. In order to accomplish this, they both started from a close link between will and reason from which the conceptions of liberty and finality ought to be thought in connection in a kind of moral Eschatology. However, when they transposed politics from *Historie* to *Weltgeschichte*, that is, from the domain of empirical events to the one of the necessary meaning of history, a second question had to be answered: should politics be corrected for the sake of morals by means of a reformation or of a revolution? Even though Kant saw French Revolution as a historical sign of the moral progress of humanity, such a fact didn't prevent him from issuing a legal condemnation of it in defense of the principle of publicity – a principle which, in his view, every revolution fledged against established sovereignty comes to violate. Fichte, on the other hand, sometimes defends the right of individuals to rise revolutionarily against the despotic state, but also seems to approve of certain forms of despotic guidance, concerning the working out of the economy, in the restriction of the individual will of the citizens. Could these be contradictory positions, suggested only by the vicissitudes of the circumstances? I don't believe so. I maintain that the difference that lie between these diverse Fichtean political judgments does not hinder the fact that they maintain a certain fundamental identity. But if it is always for the sake of liberty that politics ought to be judged, from the standpoint of reason it certainly is not the liberty of the individuals that counts, but rather the liberation of the species - for each individual can only assume his or her identity in contrast with and through reciprocal recognition of the others. By intending to build up a "system of liberty" and to ground reason on an activity free of self-determination, the Doctrine of Science opened up the road for the transformation of moral liberty into social liberation and for the "kingdom of ends" to come to Earth - by means of a "Eschatology of immanence" that operated a reformation of the revolution.